

# Cinismo e ideologia

Francisco Rüdiger

**SAFATLE, Vladimir** (2008). *Cinismo e falência da crítica*.  
São Paulo: Boitempo.



**Resumo:** Primeiro, procede-se à sinopse do volume, destacando os assuntos e a abordagem que a obra desenvolve. Depois, discute-se o emprego do conceito de ideologia feito pelo autor, levantando-se ressalvas sobre sua propriedade.

**Palavras-chave:** cinismo na cultura contemporânea; ideologia; crítica

**Abstract:** *Cynicism and ideology* — This is a book review of Vladimir Safatle's *Cinismo e falência da crítica*. At first, we summarize the book contents, stressing its subjects and the approach adopted by its author. Then, we discuss the way the author employs the concept of ideology, questioning about its pertinence to enlighten our present circumstances.

**Keywords:** cynicism in contemporary culture; ideology; critique

Vladimir Safatle reúne em *Cinismo e falência da crítica* um conjunto de ensaios erudito e bem lapidado, que interessa referir aqui, sobretudo, pela discussão, por ele visada, da fortuna do conceito de ideologia no mundo contemporâneo. A linha seguida pelo volume é a do comentário filosófico bem informado, visando esclarecer alguns aspectos da mutação em curso na consciência social e histórica do homem contemporâneo. O autor maneja com refino os referenciais essenciais ao entendimento de diversos tópicos que, iniciando com a discussão da consciência infeliz na filosofia hegeliana, chegam, apenas para sinalizar a variedade, até a análise lacaniana da economia libidinal na atual cultura de consumo e ao exame da forme estética na música de vanguarda do século XX.

A perspectiva assim adotada importa em algum prejuízo, segundo nosso modo de ver, porque impõe ao livro um tratamento dispersivo e assistemático que, nos parece, extrapola o exigido pelo seu objetivo, sem lograr dar ao que sobra o devido

aprofundamento. O leitor entende, sim, que os ensaios abordam aspectos de uma mesma problemática, mas também está claro que não houve interesse em conectá-los de maneira imanente ou com alguma organicidade. A perda de foco da escrita e a derivação ensaística cheia de brilho, mas excessivamente arbitrária, às vezes dão sinal de um dandismo elegante mas em tensão com o tom crítico e reflexivo contido em letra nos textos.

Igualmente problemático, senão enganoso é o título do livro, visto que, se neste há ênfase na elucidação do cinismo moderno, de fato não há discussão do estatuto da crítica no pensamento contemporâneo. As menções que se faz aqui e ali ao tema não justificam que ele se enuncie como motivo central de suas preocupações, que se faça menção a tanto em seu título. A perspectiva de entendimento do que se tornou a questão da crítica pode ser projetada pelo que se diz do cinismo, mas realmente ela não está posta no texto, o que, parece-nos, representa uma falha, já que só com o uso esclarecido da ideia de crítica, cremos, se pode analisar a contento o interesse pelo problema da ideologia que o texto revela.

Seguindo Peter Sloterdijk, o autor argumenta que o cinismo se tornou categoria central para entender a consciência do homem contemporâneo, o que afeta o estatuto desse conceito, o de ideologia e, por extensão, as formas de dominação vigentes na sociedade contemporânea. Para Safatle, conviria que se entendesse o cinismo menos como categoria moral, o que não deixa de ser, porém, do que como um padrão de racionalidade. A consciência cínica se constitui em mediação das transformações sobrevividas ao capitalismo no século passado como forma de expressão de um mundo em que as palavras e o discurso, as ideias, enfim, não só perderam o valor e a credibilidade como se tornaram simples disfarces de condutas visando conquistar algum tipo de posição ou vantagem material. A racionalidade instrumental se tornou o padrão dominante da ação social e isso, pouco a pouco, todos não só ficam sabendo mas endossam na prática, passando a manipular as ideias e representações de maneira puramente estratégica.

Deriva daí a popularização de uma atitude irônica diante da vida e dos homens, apoiada nos meios de comunicação, a adoção de uma postura segundo a qual, fora do referido registro, nada deve ser levado a sério, segundo a qual as pessoas, os fatos e as situações não devem ser tomadas pelo que afirmam ou revelam abertamente sobre si mesmas: esta atitude que, no limite, conduz ao culto do escárnio e do deboche de tudo o que não é palpável, frio e objetivo ou calculado em termos de interesses materiais. A consciência desencantada pela racionalidade instrumental, cada vez mais, se pauta por um realismo objetivo mas, para evitar a ruptura do mínimo necessário à manutenção da sociabilidade, os homens concordam em manter cnicamente, isto é: sem realmente acreditar, como máscara ou fachada, os valores e ideais deixados por outra época, em que o mundo não se havia convertido tão inteiramente em sistema. As tensões originadas disso eles compensam procurando se divertir com tanto, mediante o consumo de bens

culturais em que ninguém mais põe verdadeira fé e pelo cultivo de uma atitude irônica, senão de deboche que os ajuda a manter o equilíbrio psíquico em meio a relações sociais que, tirando as vantagens mercantis e as posições de poder que delas se podem extrair, poucos têm motivo para acreditar ou encarar com seriedade.

Safatle defende, em função disso tudo, que está na hora de repensar, senão mesmo abandonar a vinculação do projeto de racionalização social com a instituição de uma sociabilidade fundada como normatividade intersubjetivamente reconhecida, para não falar daquele outro, que em seu tempo vinculou essa racionalidade à ação de um sujeito social revolucionário. O processo histórico liquidou o proletariado, derradeira encarnação deste último, e a consciência cínica que se instalou em uma época dominada pela razão instrumental perverteu as perspectivas de instauração de uma forma de vida moralmente mais avançada, em vão defendidas por estes projetos que tentam lhe dar sucedâneos desvinculados da filosofia da história.

Feitas essas anotações, o ponto que se deseja discutir é se, ainda que ambigualmente, a obra em foco esclarece seu leitor sobre o que ocorre com a ideologia na era da razão cínica. Segundo Safatle, e estamos de acordo, a tendência, agora, é a dos sujeitos serem chamados a sustentar identificações irônicas: “ou seja, identificações nas quais, a todo o momento, os sujeitos afirmam sua distância em relação àquilo que estão representando” (p. 104). A racionalização instrumental das condições de existência e da própria subjetividade promovida pelo capital chegou a tal ponto que os seres humanos se conduzem apenas de acordo com seus interesses materiais, sem crença em relação a algum ideal. O processo, contudo, autoriza afirmar que nisso consiste a “dinâmica ideológica do capitalismo contemporâneo”, que a razão cínica se tornou a “mola de funcionamento da ideologia na contemporaneidade e a garantia de sua perenidade” (p. 101)?

Creemos que há bons motivos para pensar que não é assim e que insistir com o conceito de ideologia, até prova em contrário, implica impedir de levar a cabo a faxina conceitual dos “esquemas que visam orientar a ação e o julgamento [em nosso tempo]” (p. 204), postulada com acerto na conclusão do volume. Conforme diz Adorno (2004, p. 428), “o que significa a ideologia e o que são as ideologias é algo que só se pode responder adequadamente recuperando o movimento do conceito, que é ao mesmo tempo o movimento da coisa”. Oriundo da filosofia sensualista do final do século XVIII, em que era sinônimo de ciência das ideias, o termo, sabe-se, adquiriu com Marx um sentido crítico, passando a designar o equívoco, engano ou ilusão objetiva do idealismo: a crença na ideias como motor da ação humana e chave de explicação do que ocorre na história. Quando se crê que os homens podem mover o mundo de acordo com suas ideias, senão que o mundo coincide com as ideias que temos a seu respeito, nos tornamos prisioneiros de uma falsa consciência, já que se é verdade que a criação histórica depende do fator ideal, como tende a esquecer o empirismo, não o é reduzi-la a tanto, como faz o idealismo.

Ora, atualmente, “não há mais ideologia no sentido próprio de falsa consciência, mas somente a propaganda a favor do mundo, mediante a sua duplicação e a mentira provocadora, que não pretende ser acreditada” (ADORNO, 1998, p. 25). Onde falta a crença nas ideias e/ou elas não são creditadas à iniciativa humana, não há propriedade histórica e imanente em se falar de ideologia. As crenças se tornaram frágeis porque o papel das ideias está sendo tomado pelos bens materiais e experiências sintéticas, que menos se concebe, imagina ou acredita do que se consome.

As transformações ocorridas no sistema capitalista e as novas formas de relação social que daí advêm estão tornando ocultas as práticas e representações que, criticamente, chamaríamos de ideológicas. O racionalismo dominante tende a ser puramente instrumental e se inscreve em mecanismos sistêmicos, nas empresas, burocracias, transportes, finanças e tudo o mais, deixando o sujeito propenso, no que resta, não ao idealismo, mas à fruição, em parte orquestrada, em parte anárquica, da irracionalidade interior e somática.

Referindo-se a Benjamin, Safatle afirma que a crítica do pensador ao capitalismo se tornou obsoleta, “ao deparar-se com uma realidade social na qual a ideologia não responde a tais coordenadas [no caso, as da ‘alienação da consciência’]” (p. 194). Aprofundar nosso desespero diante do que está posto, com esperança em chegar a uma nova lucidez, exige, cremos, pensar que, junto com essa realidade, a própria categoria de ideologia, entendida histórica e criticamente, caducou entre a coletividade. Leva-nos a postular que as tarefas da reflexão ainda em contato com nossos impulsos emancipatórios, embora deva conservar os avanços trazidos pela análise daquela categoria, estão agora antes ligadas ao que, provisoriamente, sem poder esclarecer aqui, chamaríamos de uma crítica da tecnologia, como a seu modo e em seu tempo, a título de sinais de transição ao mesmo tempo época e categorial, preconizaram autores como Habermas (*Técnica e ciência como ideologia*, 1968) e Gouldner (*A dialética da técnica e da ideologia*, 1976).

## Referências

- ADORNO, Theodor (1998). *Prismas*. São Paulo: Ática.
- \_\_\_\_\_. (2004). *Escritos sociológicos*. Madri: Akal. v. 1.
- GOULDNER, Alvin (1976). *La dialéctica de la ideología y la tecnología*. Madri: Alianza.
- HABERMAS, Jürgen (1968). *Técnica e ciência como ideologia*. Lisboa: Edições 70.

FRANCISCO RÜDIGER é professor titular da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e autor de *Martin Heidegger e a questão da técnicas* (Sulina, 2006) e de *Cibercultura e pós-humanismo* (Edipucrs, 2008).

frudiger@ig.com.br